

RUI MORAIS  
MIGUEL BANDEIRA  
MARIA JOSÉ SOUSA  
[EDITORES]

# CELEBRAÇÃO DO BIMILÊNÁRIO DE AGUSTO

*AD NATIONES.  
ETHNOUS KALLAIKON*



**BRAGA**  
Cidade autêntica

**título**

Celebração do Bimilenário de Augusto: *Ad Nationes. Ethnous Kallaikon*

**edição**

Câmara Municipal de Braga – Pelouros do Património,  
da Relação com as Universidades e da Cultura  
Praça Municipal, 4704-514 Braga

**conceção gráfica**

Edições Afrontamento, Lda.  
Rua Costa Cabral, 859 – 4200-225 Porto  
[www.edicoesafrontamento.pt](http://www.edicoesafrontamento.pt)  
[comercial@edicoesafrontamento.pt](mailto:comercial@edicoesafrontamento.pt)

**ISBN:** 978-989-99600-0-8

**depósito legal:** 405783/16

**impressão e acabamento:**

Rainho & Neves, Lda.  
Santa Maria da Feira | [geral@rainhoeneves.pt](mailto:geral@rainhoeneves.pt)

# BRACARUM OPPIDUM AUGUSTA. OS DADOS DA CULTURA MATERIAL\*

RUI MORAIS

(UI&D-CECH/Universidade do Porto)

## I. AS ORIGENS DO NÚCLEO URBANO: AS FONTES ESCRITAS E A EPIGRAFIA

A antiga cidade romana, parcialmente escondida sob o solo bracarense, deve a sua fundação enquanto núcleo urbano ao imperador Augusto. Plínio, na sua História Natural (4, 122), atribuiu-lhe o título de *Bracarum oppidum Augusta*, o que, desde logo, a destaca das restantes sedes conventuais mais próximas, *Lucus Augusti* e *Asturica Augusta*. É possível que, à semelhança de muitas outras cidades designadas como *augustae* (como, por exemplo, *Augusta Emerita*, *Augusta Vindelicum*, *Augusta Taurinorum*, *Augusta Raurica*), a cidade tenha decalcado o modelo destas. Trata-se, no entanto, de uma atribuição não oficial, tendo Plínio seguido uma qualquer fonte de informação que mencionava assim a cidade (Morais, 2005, 126-127). O que podemos certamente aceitar é que o ato da sua fundação representou um passo em frente na romanização do território, um produto da ação consciente e voluntária daquele que atuou como fundador, Augusto.

A fundação da cidade, mais do que entendida como um núcleo populacional novo, deve ser encarada num sentido mais lato, aquele da criação de uma consciência cívica coletiva representada pela menção dos *bracaraugustani* documentada pela epigrafia (Tranoy, 1980, 155-159). Neste ponto saliente-se dois pedestais de estátua, um dedicado a Augusto (Fig. 1), comemorando o dia do aniversário do nascimento do legado *Paullus Fabius Maximus*<sup>1</sup> (*EE*, VIII, 280; *ILS*, 8895; *ILER*, 1028) e outro em honra de *Agrippa Postumus*<sup>2</sup> (Fig. 2), filho do lugar-tenente de Augusto, *M. Vipsanius Agrippa*. Estes monumentos são um forte indicador que nos inícios da formação da cidade o culto imperial foi oficialmente introduzido ao mesmo tempo que se desenvolve o culto dinástico dos herdeiros de Augusto<sup>3</sup>. Cronologicamente, este esforço particular deve situar-se entre 3 de julho

**1.** Monumento encontrado junto à capela do Senhor do Lório, em Semelhe, a cerca de 2,5 km de Braga, tendo-lhe sido dada a seguinte leitura: *IMP(eratori) CAESARI DIVI F(ilio) AVG(usto) / PONT(ifici) MAX(imo) TRIB(unicia) POT(estate) XXI (vigesima prima) / SACRVM BRACARAVGVSTANI / PAVLLI FABI(i) MAXSIMI LEG(ati) PROPR(etoris) NATALI DEDICATA EST* (Le Roux, 1975, 155; Tranoy, 1981, 328).

**2.** Monumento encontrado em Braga, na R. do Souto, em 1973. Foi estudado por Rigaud de Sousa (1973, 28) e P. Le Roux (1975, 155-59). A transcrição é a seguinte: *M. AGRIPPAE M. F. / NEPOTI AVG. CAESAR / BRACARAVGVSTANI*.

**3.** A estas inscrições acresce-se ainda outras documentadas em Braga e suas proximidades que inequivocamente vem reforçar o culto dinástico dos herdeiros de Augusto e a introdução do culto imperial. Referimo-nos a um monu-

\* Estudo integrado no âmbito do projeto PTDC/EPH-ARQ/5204/2012: Diálogo entre Ciências – Análise multidisciplinar das condições de navegabilidade e ancoragem durante o período Romano (Esposende).



Fig. 1. Ara dedicada a Augusto, comemorando o dia natalício do legado *Paullus Fabius Maximus*.

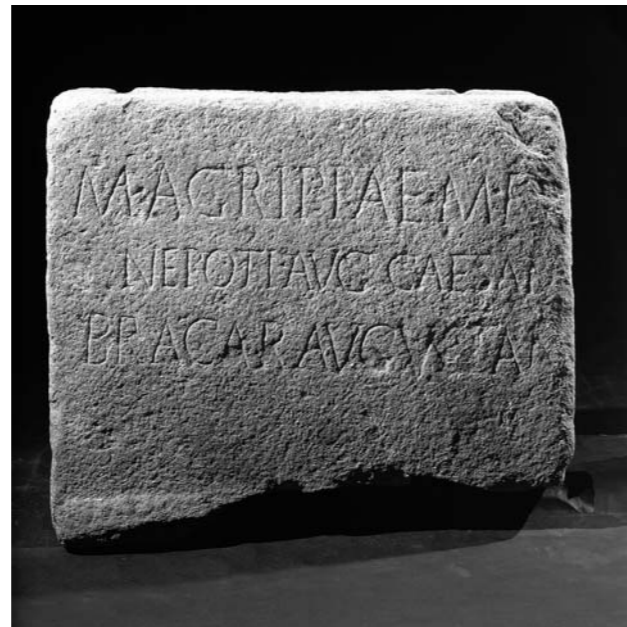


Fig. 2. Parte de pedestal de estátua em honra de *Agrippa Postumus*.



Fig. 3. Inscrição relativa à fundação ou refundação da cidade, atualmente na Sé de Braga, integrada na fachada do Largo D. João Peculiar.

de 3 a.C. e 5 de fevereiro de 2 a.C., momento em que na cidade foi dedicada a estátua a *Paullus Fabius Maximus*, no dia do seu aniversário (vd. Tranoy, 1981, 149, nota 31).

No contexto dos vestígios epigráficos mais antigos pertencentes à cidade deve ainda destacar-se uma inscrição relativa à fundação ou refundação da cidade (Fig. 3), hoje integrada na fachada do Largo D. João Peculiar (Sé de Braga), onde se pode ler: [...] CONDITVM·SVB·/IMP(eratoris)·CAESARIS·/PATRIS·PATRIAE (ad. CIL. II 2421).

Segundo Santiago Montero e Sabino Perea (1996) esta inscrição data de um momento aproximado entre

5 e 2 a.C. No entanto, Alain Tranoy (1981, 318) data esta inscrição a partir do ano 2 a.C., momento em que Augusto recebe o título de *Pater Patriae*, fixado no dia 5 de Fevereiro por decreto expresso do Senado. Três propostas foram avançadas para a interpretação desta inscrição: a primeira foi brevemente apresentada por Alain Tranoy (1981, 318-319, 328), considerando que esta inscrição assinala a consagração, por ordem do próprio imperador, de um lugar atingido por um raio e, como tal, diretamente relacionada com o culto a Júpiter; a segunda proposta, seguindo de perto a anterior, foi publicada por Santiago Montero e Sabino Perea (1996). Segundo estes autores, trata-se de um bidental, ou seja, um testemunho da refundação da cidade devido à queda de um raio (*fulmen regale*) que provavelmente teria atingido um lugar emblemático da cidade; a terceira e última interpretação deve-se a Géza Alföldy que, numa visita à cidade de Braga<sup>4</sup> a refere como um testemunho

erguido pela *Gallaecia* a um dos netos de Augusto, *Caius* ou (*Lucius*) (CIL, II, 2422; ILS, 6922; Étienne, 1974, 137 e nota 5; Tranoy, 1980, 150 e nota 34 e 193); um monumento referido como cipo ou coluna encontrado em Dume, dedicado ao *Genius Caesaris* (vd. Vasconcelos, 1913, 326) e um pequeno altar encontrado no jardim arquiépiscopal de Braga com uma inscrição ao *Genius Augusti* (CIL, II, 5123; Vasconcelos, 1913, 326; Étienne, 1974, 305 e nota 2).

4. Informação pessoal facultada por este especialista.

da construção de um monumento dedicado a Augusto. O que esta inscrição nos parece revelar é que a cidade teria sofrido uma cerimónia de fundação semelhante à fundação da «Roma Quadrada» augústea, diretamente inspirada na inauguração romuleia do *Cemalus*, o local escolhido por Rómulo no topo do Palatino para estabelecer a sua cabana e o centro sagrado a partir do qual constituiu a «Roma quadrada». Como nos indica Diógenes de Halicarnasso (1, 86; apud.; Carandini, 2000, 130), este local teria sido assinalado por um raio caído na *silva* destinada a acolher o templo de Apolo – implicando o enterramento do mesmo raio segundo o ritual do *fulminem condere*. Independentemente desta problemática, esta inscrição, como testemunho de uma das primeiras inscrições oficiais de Braga, está inequivocamente relacionada com o primeiro desenvolvimento urbano da cidade, revelando que a sua fundação foi um acontecimento importante. Neste sentido, esta inscrição poderá retratar o momento da fundação da cidade enquanto entidade política e de propaganda imperial (Morais, 2005, 134-136).

## II. OS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS MAIS ANTIGOS

Se observarmos a situação da fundação da cidade romana de *Bracara Augusta* a partir de uma perspetiva mais ampla que abarque o seu território imediato, vemos que a cidade está numa região onde não faltam vestígios de povoamento da Idade do Ferro, com destaque, pela sua proximidade e importância do «Castro Máximo», localizado na periferia da área urbana e constituindo um dos pontos mais elevados da atual cidade.



Fig. 4a. Balneário atualmente integrado no novo edifício da estação dos Caminhos de Ferro, em Braga.



Fig. 4b. Idem. Aspeto de parte do edifício depois de musealizado.

Igualmente pela proximidade das ruínas da cidade romana se deve aduzir a descoberta de um balneário (Lemos *et al.*, 2003), encontrado durante as obras da estação dos Caminhos de Ferro de Braga e atualmente integrado no novo edifício da estação (Figs. 4a e b). Trata-se provavelmente de um dos mais antigos edifícios do género até à data descobertos entre as bacias dos rios Minho e Douro.

Ainda que sem continuidade aparente, os vestígios mais antigos conhecidos no sítio de Braga datam do Bronze Final, mais precisamente do 1º quartel do I milénio a.C. (Bettencourt, 2000). Destes vestígios refiram-se um conjunto de fossas abertas no saibro, buracos de poste e cerâmicas, sugerindo um povoado de limitadas dimensões situado no Alto da Colina da Cividade (Bettencourt, 2000, 23-30, est. I-XIII), e uma presumível necrópole identificada na área dos Granjinhos (2000, 221-224, est. I-VIII) (Fig. 5). Se enquadrarmos esta presença no contexto da região vemos que este tipo de ocupação pode estar associada a pequenos povoados de cabanas com poucos hectares de extensão, colocados no topo de colinas que contavam com áreas de necrópole colocadas, por norma, fora do recinto muralhado. Neste panorama, o que podemos certamente concluir é que estes vestígios mais antigos até à data documentados em Braga representam «tra-



Fig. 5. Cerâmicas do Bronze Final recolhidas na Necrópole na área do Granjinhos, Braga.

temos, no entanto, provas irrefutáveis a favor de uma ocupação permanente ao longo do período proto-histórico. Temos sim é um conjunto significativo de vestígios datáveis da Idade do Ferro Recente/inícios da Romanização.

De entre estes destacamos duas estátuas em granito em granito de grão fino de duas micras encontradas na Av. da Imaculada Conceição (freguesia da Cividade, Braga), em finais dos anos setenta do séc. XX, na altura em que se procedia a um aterro para a construção de uma oficina (Bettencourt e Carvalho, 1993-94, 279). Uma destas (Figs. 6a e b) corresponde a uma estátua sedente, rara no Noroeste peninsular, mas que encontra algumas afinidades com duas estátuas recolhidas em Xinzo de Limia (Ourense) e uma outra, de menores dimensões, encontrada no povoado de



Fig. 6a. Estátua sedente em granito encontrada na Avenida da Imaculada Conceição, Braga | Fig. 6b. *Idem.* Vista lateral.

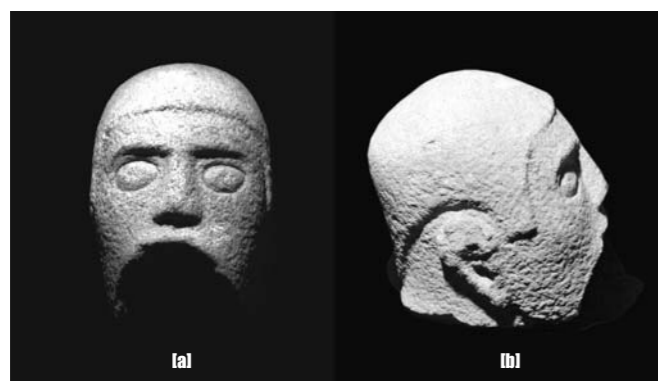


Fig. 7a. Cabeça de estátua em granito encontrada junto com a estátua sedente na Avenida da Imaculada Conceição, Braga | Fig. 7b. *Idem.* Vista lateral.

ços» descontínuos de ocupação do Bronze. Na verdade, as evidências são tão limitadas que não sabemos se se trata de ocupações estáveis bem definidas ou de meras ocupações de caráter temporário (Morais, 2005, 128-129).

À parte estes vestígios que parecem documentar uma ocupação do sítio de Braga na Idade do Bronze, não

temos, no entanto, provas irrefutáveis a favor de uma ocupação permanente ao longo do período proto-histórico. Temos sim é um conjunto significativo de vestígios datáveis da Idade do Ferro Recente/inícios da Romanização. De entre estes destacamos duas estátuas em granito em granito de grão fino de duas micras encontradas na Av. da Imaculada Conceição (freguesia da Cividade, Braga), em finais dos anos setenta do séc. XX, na altura em que se procedia a um aterro para a construção de uma oficina (Bettencourt e Carvalho, 1993-94, 279). Uma destas (Figs. 6a e b) corresponde a uma estátua sedente, rara no Noroeste peninsular, mas que encontra algumas afinidades com duas estátuas recolhidas em Xinzo de Limia (Ourense) e uma outra, de menores dimensões, encontrada no povoado de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso); a outra (Figs. 7a e b) correspondente à cabeça de uma estátua, pode ser provavelmente integrável no grupo estatuário dos guerreiros galaicos, bem documentados no Noroeste.

Dos diferentes achados recolhidos ao longo de mais de três décadas de intervenções refiram-se os bens exógenos, dos quais se destacam as moedas e as fíbulas, e cerâmicas de produção indígena produzidas num âmbito local ou regional.

As moedas estão representadas por quatro exemplares ibéricos e um exemplar republicano. As moedas ibéricas estão dispersas na cidade, tendo sido recolhidas na Colina do Alto da Cividade (As da ceca de Cástulo de 105-82 a.C.) e nas escavações realizadas nas Termas (As da ceca de Bilbilis, séc. II a.C.), no Cardoso da Saudade (As da ceca de Kaiskata) e nas Cavalariças (As ibérico). A moeda republicana, recolhida na Colina do Alto da Cividade, correspondente a um denário de prata, cunhado no norte de Itália no ano de 82-81 a.C. (Zabaleta Estévez, 2000, 396). Com uma cronologia mais aproximada à fundação da cidade, foram ainda

recolhidas moedas da *caetra*, segundo se pensa destinadas a sufragar os gastos derivados da contenda militar durante o processo de conquista do Noroeste peninsular e pagar o *stipendium militare* (vd. Ferrer Sierra, 1996; Zabaleta Estévez, 2000, 396). Destas moedas, cunhadas por volta de 27-23 a.C., conhecem-se nove exemplares, cinco das Termas, duas do Cardoso da Saudade, e uma da Praia das Sapatas e da Casa da Bica, respetivamente.

As fíbulas estão representadas por duas peças recolhidas na Colina do Alto da Cividade pertencentes ao tipo Transmontano (séc. IV a.C.-séc. I d.C.) e ao tipo La Tène II, atípica (anterior a finais do séc. III a.C.-séc. II a.C.).

Verdadeiramente surpreendente é, no entanto, a presença de cerâmicas de tradição indígena cuja presença numérica tem vindo a aumentar de ano para ano. De facto, se no passado se referia a presença relativamente pouco consistente deste tipo de cerâmicas nas diferentes escavações e sondagens realizadas na área da Colina da Cividade e na zona da Cavalariças (Martins, 1990, 219-220), as novas intervenções têm, pelo contrário, demonstrado uma presença significativa, sendo de destacar uma especial concentração na zona das Cavalariças. Trata-se de um dos locais de maior antiguidade da cidade onde se identificaram restos de várias construções de natureza habitacional e artesanal que se repartem pela área de três *insulae* da cidade romana (Morais, 1997-98, 47-135). De entre as escavações efetuadas neste local salienta-se uma intervenção realizada no setor Este do atual edifício do Museu (setor 8), onde foi detetado um enchimento coberto por um pavimento exterior empedrado, onde se recolheram, para além de abundantes fragmentos de cerâmicas importadas (*terra sigillata* de tipo itálico, almofarizes e ânforas) datáveis do reinado de Augusto e finais do período de Tibério/inícios de Cláudio (Morais, 2005), um conjunto surpreendente de mais de uma centena de cerâmicas de tipo indígena. A análise atenta dos fabricos e da morfologia deste tipo de cerâmica permite situá-la na Fase III estabelecida por Manuela Martins para os povoados proto-históricos e romanizados da bacia do curso do médio do Cávado (1990). Trata-se de uma cerâmica que regista uma significativa evolução relativamente à das fases anteriores, quer do ponto de vista técnico, onde se nota uma mais consistente utilização do torno e uma melhor qualidade das pastas (mais finas e com melhores acabamentos), quer do ponto de vista cronológico, situada entre o séc. I a.C. e os meados do séc. I da nossa era (Martins, 1990).

A estes vestígios acrescenta-se uma significativa e importante quantidade de moldes em cerâmica para a fundição de sítulas em bronze<sup>5</sup> (Martins, 1988, 23-29, Ests. I – III). Estes moldes encontrados nas escavações realizadas no Albergue Distrital e nas Cavalariças, provêm de níveis não selados. O estudo de alguns destes moldes realizado por Manuela Martins (1988, 27-29), permitiu, todavia, datá-los, entre os finais do séc. I a.C. e os meados do século I da nossa era (*id. ibidem*). Estes, com pastas de tons variados (predominantemente negras no interior e com superfícies externas alaranjadas), correspondem à parte decorada de moldes bivalves que apresentam uma decoração geométrica com um número limitado de motivos, constituídos por elementos em SSS entrelaçados dispostos em bandas horizontais, e decorações em espinha e linhas de pérolas também dispostas na horizontal. Um deles representado pelas duas faces do molde bivalve permite perceber que se trata de moldes para a fundição de lâminas decoradas provavelmente pertencentes à parte superior de sítulas (Fig. 8). Um outro corresponde à parte superior do suporte anelar da asa de uma armela de sítula (Fig. 9).

5. No atual território português o achado de moldes idênticos ao de Braga foram, entre outros sítios, documentados no povoado de Santo António, Afife, Viana do Castelo (Silva, 1986, 168, 194, Est. LXXXIII-13). Quanto à presença de moldes para a feitura de armelas de sítula, apenas se documenta, de acordo com a bibliografia consultada, em *Conimbriga* (Alarcão, 1994, 13, 78, n.º 123 e 79, n.º 122) e Lomba do Canho (Arganil) (Fabião, 1998). Na Galiza, o achado de exemplares deste tipo de objetos é mais frequente como testemunham os moldes e lâminas e de suportes de asa, para além de vários suportes em bronze, encontrados nos povoados de Santa Trega, A Guarda (Pontevedra), Fozara, Castelo de Neiva e Sto. António (Carballo Arceo, 1983, 7-32, Ests. XII-XVII; 1989, 60-63, fig. 35, Est. VIII e 219-220, 125). Moldes com idênticas decorações estão ainda documentados na área da antiga Asturica, em «El Castrelin de San Juan de Paluezas» (Sánchez Palencia, 2000, 78).

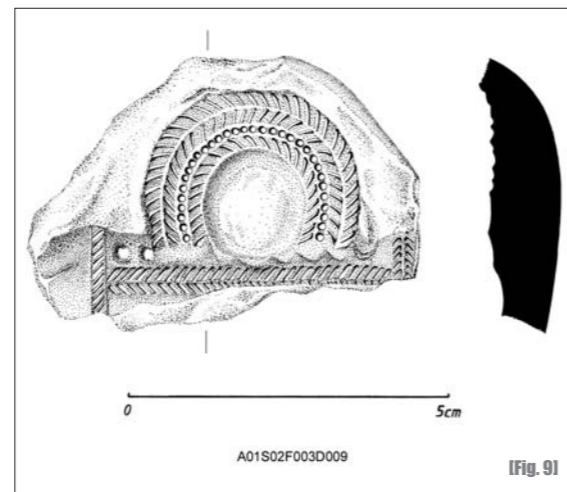
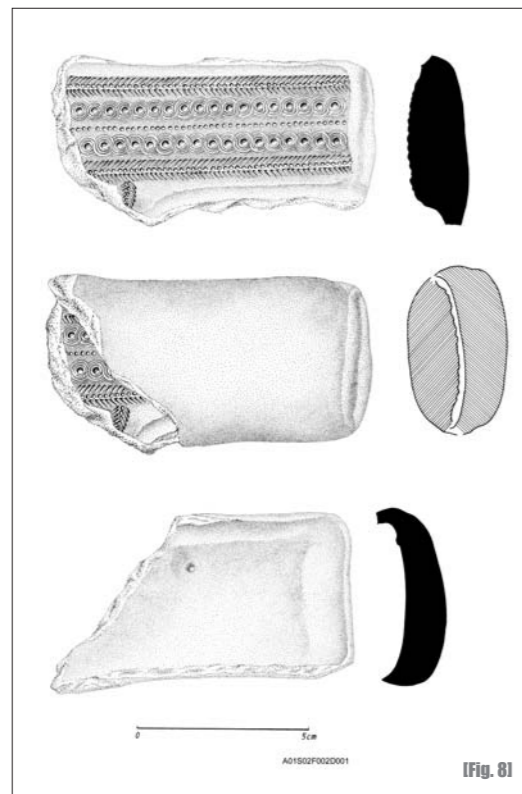


Fig. 8. Molde bivalve para a fundição de lâminas decoradas da parte superior de sítulas em bronze.

Fig. 9. Parte superior de um molde bivalve para a fundição do suporte anelar da asa de uma armela de sítula em bronze.

### III. A IMPORTÂNCIA COMERCIAL DA CIDADE NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DA SUA FORMAÇÃO

A função de mercado privilegiado que a cidade desde cedo exerceu está bem documentada por um conjunto de inscrições consagradas a divindades estreitamente ligadas ao mundo marítimo e à proteção dos viajantes e suas travessias.

Referimo-nos a uma inscrição com dedicatória a Mercúrio, encontrada num muro da cerca do Seminário de Santiago em Braga (Tranoy, 1981, 315; Santos, Le Roux e Tranoy, 1983, 188, n.º 8; Est. IV, n.º 10), atualmente em depósito no respetivo museu, e três outras inscrições dedicadas a divindades menores, aos *Lares Viales* (CIL, II, 2417; AE, 1973, 310; Cunha, et al., 2005, 147-155).

O papel económico da cidade está, no entanto, especialmente bem documentado por duas inscrições: uma (CIL, II, 2413 = ILER, 547) consagrada ao *Genius* do edifício do mercado (*Genius Macelli*) e outra (CIL, II, 2423) dedicada, na época de Cláudio, a *Caius Caetronius Miccio* pelos cidadãos romanos que negociavam em *Bracara Augusta* (*cives Romani qui negotiantur Bracaraugusta*). Da do *Genius Macelli*, hoje desaparecida, dá notícia Jerónimo Contador de Argote (1732-34, 227):

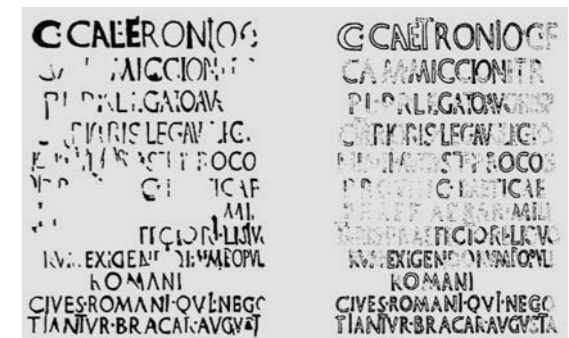
Da família Flavia Vrbica se acha outra Memoria notavel em Braga, a qual se encontrou ha pouco tempo na parede do Cruzeiro da Sé, da parte do Evangelho, aonde agora está a Capella de Nossa Senhora das Angustias. Manoel Fernando, Mestre Pedreiro da obra, a levou para sua casa, onde a conserva. Do seu feitio se vê foy base de estatua, e diz a Inscrição assim:

GENIO/MACELLI/FLAVIVS/VRBICIO/EX VOTO/POSVIT/SACRVM.

A outra, procedente da Capela de Sta. Ana em Braga, encontra-se depositada no Museu D. Diogo de Sousa (Fig. 10). A transcrição integral desta inscrição, de caráter honorífico, foi efetuada

por Géza Alföldy (1966, 367) que dela lhe dá a seguinte interpretação:

A Caius Caetronius Miccio, filho de Caius, da tribo Camília, ao tribuno do povo, pretor, legado imperial na Hispânia Citerior, legado imperial da Legião II Augusta, procônsul da província Bética, prefeito do erário militar, prefeito para a exação dos restos dos tributos a cobrar para o erário do povo romano – os cidadãos romanos que negociam em Bracaraugusta.



10. Estado da inscrição no momento em que foi lida por G. Alföldy. Reconstituição da inscrição proposta pelo mesmo autor.

Para o estudo da estrutura económica da cidade nos inícios da época imperial, a inscrição é, pois, especialmente significativa: a referência específica à existência de *negotiatores* que dedicam uma lápide a *C. Caetronius Miccio* vem redimensionar o papel da cidade de *Bracara Augusta* no contexto do Noroeste peninsular.

### IV. OS DADOS DA CULTURA MATERIAL

#### 4.1. A análise dos contextos estratigráficos

A análise de contextos estratigráficos dos períodos alto e médio imperial permitiu definir 5 períodos ou fases, que agrupam diversos estratos ou unidades estratigráficas com características comuns. As escavações selecionadas para a definição destas fases tiveram lugar em zonas incluídas na malha urbana da cidade romana. A ausência de estruturas construtivas de época augustana deve-se, provavelmente, à sua desmontagem ou mesmo destruição, tendo em vista alterações urbanísticas iniciadas, de acordo com os vestígios arqueológicos, a partir da época júlio-cláudia avançada e em época flávia e antonina.

Estas escavações forneceram grande quantidade de materiais comercializados desde a fundação da cidade até inícios/meados do séc. III, o que indica claramente o interesse comercial da cidade para os «*negotiatores*» acima referidos, responsáveis pelo comércio destas cerâmicas, ao mesmo tempo que é revelador de uma atividade económica importante relacionada com um contexto de crescimento demográfico e urbano. De entre estas fases interessa-nos, aqui, a primeira fase datada do período de Augusto a finais de Tibério / inícios de Cláudio, particularmente bem representada na antiga zona das Antigas Cavalariças, agora ocupada pelo Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa. Das escavações realizadas nesta zona destaca-se uma intervenção realizada no setor Este do atual edifício do Museu (setor 8), onde foi detetado um enchimento selado por um pavimento exterior empedrado. O conjunto de cerâmicas recolhido neste enchimento é particularmente importante pela quantidade e variedade de materiais importados, datáveis do período de Augusto a finais do período de Tibério / inícios de Cláudio. Aqui foi possível individualizar cerca de 250 exemplares de cerâmica importada, repartidos por fragmentos de ânforas, almofarizes e de *terra sigillata* de tipo itálico. As ânforas, de entre todos os materiais os mais abundantes, estão maioritariamente representadas pela forma Haltern 70. Foram ainda recolhidos alguns fragmentos de ânforas vinárias, oleícolas e piscícolas de diferentes origens e produções: as ânforas vinárias estão representadas por fragmentos oriundos da costa gaditana incluídos em formas de fundo plano de Tipo *urceus* (vd. Morais, 2006, 401-415) e por fragmentos de produção tarraconense, incluídos no tipo Dressel 7-11; as ânforas oleícolas apenas estão representadas por fragmentos do Guadalquivir, do tipo Dressel 20; as ânforas piscícolas estão representadas por produções da Bética costeira, da

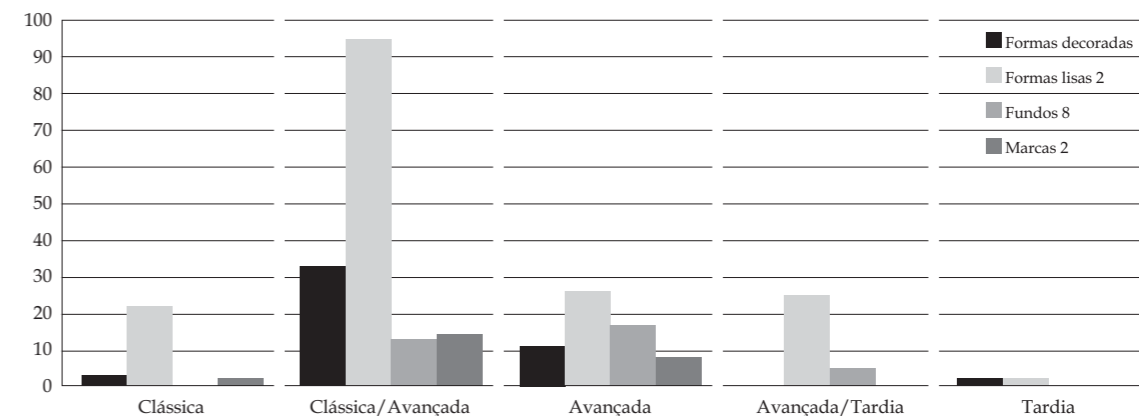
forma Dressel 7-11 e ânforas lusitanas incluídas na variante A do tipo Dressel 14. Como acima referimos, além das ânforas, estão também documentados fragmentos de almofarizes da Bética costeira, datáveis da primeira metade do séc. I, e fragmentos de *terra sigillata* do tipo itálico, maioritariamente representados por pratos do tipo *Consp.* 18 e taças do tipo *Consp.* 22.

#### 4.2. As cerâmicas de cronologia maioritariamente augustanas: a *terra sigillata* de tipo itálico

Para o tema em discussão, cabe-nos destacar a presença de *terra sigillata* de tipo itálico pela cronologia específica que encerra. Coincidindo com a fundação da cidade por volta dos anos 15 a 13 antes da nossa Era chegaram à cidade os primeiros produtos importados: *terra sigillata* oriunda dos principais centros de produção itálicos ou de pequenas filiais a estes associados. À falta de análises laboratoriais para determinar a proveniência específica dos fragmentos recolhidos, a atribuição a determinados centros produtores baseia-se essencialmente no estudo das marcas de oleiro e, com maiores reservas, nos fragmentos decorados a molde. O conjunto de marcas e a análise dos vasos com decoração moldada parece sugerirem a hegemonia dos produtos fabricados em Arezzo e suas sucursais. Esta situação é, aliás, concordante com a distribuição destes produtos na Península onde, contrariamente aos materiais de Haltern – cujas análises revelaram um predomínio dos produtos oriundos de La Murette, em Lyon (Lesfargues e Vertet, 1976) – regista uma notável difusão das produções de tipo aretino, especialmente no território costeiro mediterrânico, litoral português e nas regiões do vale do Ebro e da região bética costeira (Beltrán Lloris, 1990, 74-75). Tal situação – a confirmar-se – explicar-se-ia pelo sucesso que em determinado momento este centro de produção obteve na comercialização dos seus produtos, particularmente abundantes nos mercados ocidentais e assegurando um lugar importante nos orientais.

Em *Bracara Augusta*, à semelhança dos restantes estabelecimentos estudados no atual território português, o quadro das importações dos produtos de tipo itálico dá-se entre finais do reinado de Augusto e reinado de Tibério. Este dado vem demonstrar que a importação da *terra sigillata* de tipo itálico só teve significado económico durante este período. Além de cerca de duas centenas de fragmentos indeterminados e indetermináveis, atribuíveis a produções de tipo itálico encontrados em Braga, foi individualizado o número mínimo de 290 (cerca de 6,10% do total de *terra sigillata*) fragmentos correspondentes a formas lisas, decoradas, fundos e marcas. Este total, como se verifica no quadro e histograma apresentado, reparte-se pelas seguintes quantidades: 49 fragmentos decorados, dos quais 25 são indeterminados; 172 fragmentos de formas lisas; 43 fragmentos de fundo e 26 marcas. Tomando por base as fases estabelecidas por C. Goudineau, a partir da estratigrafia de Bolsena (1968, 376-377), predominam, como acima referimos, os produtos datáveis dos finais do período de Augusto e do reinado de Tibério, momento enquadrável nos finais da fase «clássica» e inícios da fase «avançada» (Fig. 11). Assim, num total de 290 fragmentos, 155 datam daquele momento, seguindo-se-lhes, em número, aqueles exclusivamente enquadráveis na fase «avançada», com 62 fragmentos. As fases iniciais e finais desta produção estão pouco representadas: 12 fragmentos da fase «precoce»; 27 fragmentos da fase «clássica»; 30 fragmentos enquadráveis no momento de transição entre a fase «avançada» e a «tardia» e quatro fragmentos da fase «tardia»<sup>6</sup>.

6. Um estudo mais pormenorizado sobre estas produções consta da publicação do autor na série monográfica *Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas 2* (vd. Morais, 2005).



11. Quantidade e relação percentual das Fases da Terra Sigillata de Tipo Itálico.

## V. APRECIÇÕES FINAIS

Os dados fornecidos pela análise da epigrafia mais antiga, associados aos dados da cultura material, permitem demonstrar que *Bracara Augusta*, desde os inícios da sua formação, foi uma das mais importantes cidades augustanas da Península. Como tivemos oportunidade de demonstrar (Morais, 2005), *Bracara Augusta*, à semelhança de outras cidades nucleares do mundo romano, teve um importante papel geo-político e desenvolveu uma forte atividade como centro importador e redistribuidor de produtos, beneficiando de uma economia de escala. Mas também a cidade usufruiu de uma economia mista baseada na agricultura, no comércio e na indústria, tornando-a um dos maiores centros de produção de bens que tiveram uma ampla difusão regional. A ilustrar ambas as realidades refiram-se dois expoentes máximos da cultura material recolhidos em Braga: uma taça de prata, única na sua forma, recolhida nas Ternas do Alto da Cividade e a parte superior de um molde bivalve, proveniente das escavações realizadas na zona das Cavalariças, agora ocupada pelo Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa.

A taça, com incrustações de ouro e *niello*, representa uma das mais belas peças da ourivesaria romana recolhida na Península (Fig. 12a e b). De acordo com o seu repertório figurativo, trata-se de um exemplar de cronologia augustana, provavelmente fabricada num atelier da Campânia (vd. Morais, 2002a, 165-180).

O molde, datado dos períodos augustano/tiberiano, foi provavelmente usado como molde de selo de pasteleiro (Figs. 13a, b e c). Sob o ponto

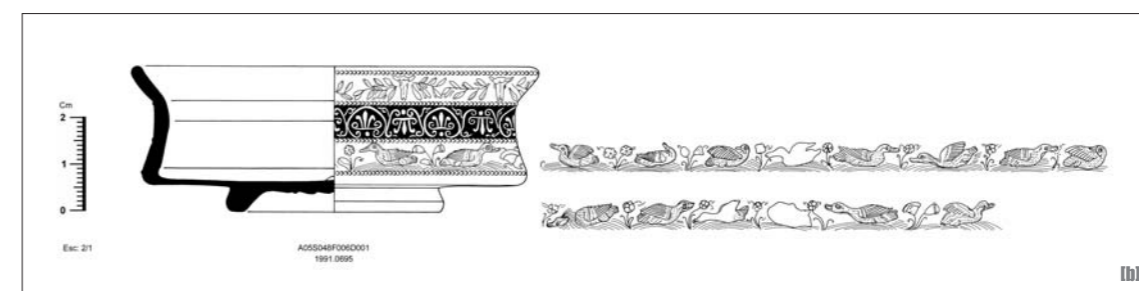


Fig. 12a. Taça romana, em prata, do período augustano, recolhida nas Ternas do Alto da Cividade, Braga. | Fig. 12b. *Idem.* Desenho.

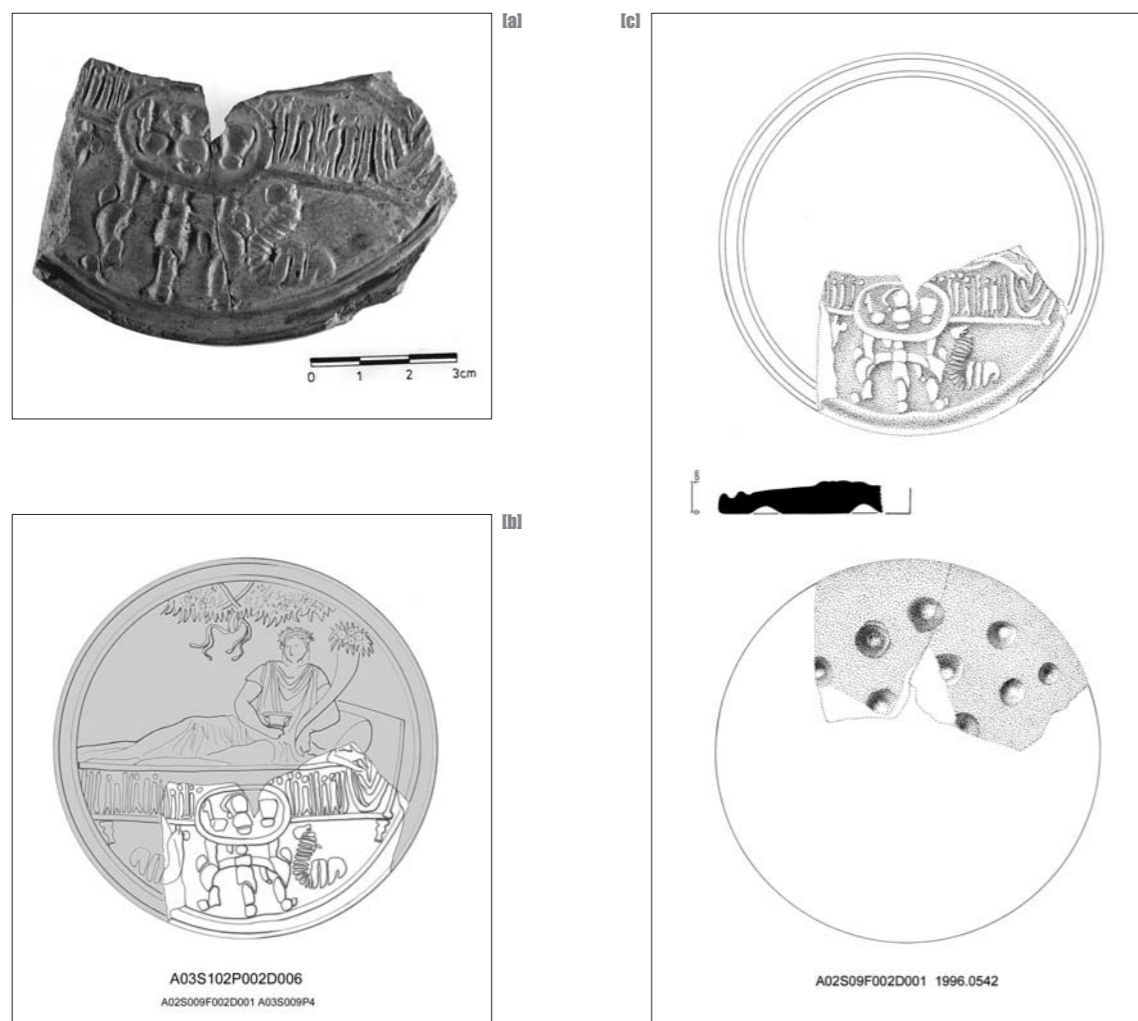


Fig. 13a. Molde de selo de pasteleiro recolhido nas escavações das Cavalariças, Braga. | Fig. 13b. *Idem*. Proposta de reconstituição. | Fig. 13c. *Idem*. Desenho.

de vista artístico esta peça possui uma iconografia singular e de cariz provincial. Descreve um espaço doméstico, provavelmente um *triclinum*, em cujo centro se encontra uma típica mesa romana de três pés. No estudo que sobre este realizamos (vd. Morais, 2002b, 181-196), sugerimos que a parte superior, ausente por fratura, estaria ornamentada com a figura de um génio reclinado, à semelhança de algumas imagens das pinturas murais de Pompeia.

Ambas as peças, aqui apenas referidas como expoentes máximos da cultura material dos primeiros momentos da cidade, devem, à luz dos restantes dados aqui apresentados, ser testemunho do grau de «romanização» da cidade, cuja posição geográfica a faz figurar, de acordo com as fontes antigas, em terras pouco hospitaleiras (Estr. III, 1,2), situadas *no fim do mundo* (Expositio totius mundi, 59), *na extremidade da terra* (Idácio, Crónica, pref. 1) e povoadas por *nações tão tenazes como longínquas* (Flavius, A guerra dos Judeus, II, 16, 375).

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, A. M. (1994): Museu monográfico de Conimbriga: colecções, Lisboa.
- ALFÖLDY, G. (1966): «Um 'cursos' senatorial de Bracara Augusta». Revista de Guimarães, vol. 76: 1-2, Guimarães, pp. 363-372.
- ARGOTE, J. C. (1732-34): Memórias para a história eclesiástica do arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas, Lisboa, II.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1990): Guia de la cerámica romana, Zaragoza.
- BETTENCOURT, A. M. S. (2000): «Estações da Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal)», Cadernos de Arqueologia: Monografias, 11, Braga.
- BETTENCOURT, A. M. S.; CARVALHO, H. P. A. (1993-94): «Estátua sedente e cabeça de guerreiro galaico da região de Braga», Cadernos de Arqueologia, Série II, 10-11, Braga, pp. 279-91.
- CARANDINI, A. (2000): «Variazioni sul tema di Romolo. Riflessioni dopo la nascita de Roma (1998-1999)», in A. Carandini e R. Cappelli, dir., Catálogo da exposição Roma. Romolo, Remo e la fondazione della città, Roma, pp. 95-150.
- CARBALLO ARCEO, L. X. (1983): «Aportación al estudio de las sítulas en el occidente de la Peninsula Ibérica», in Cuadernos de Estudios Gallegos, XXXIV: 19, pp. 7-32.
- CARBALLO ARCEO, L. X. (1989): Catálogo dos materiais arqueológicos do museo do Castro de Santa Trega: idade do ferro, Pontevedra.
- CUNHA, A.; ENCARNAÇÃO, J.; LEMOS, S. (2005): «Ara aos Lares Viales, de Bracara Augusta», Forum, 37, Braga, pp. 147-155.
- ÉTIENNE, R. (1974): Le culte impérial dans la péninsule ibérique d'Auguste à Dioclétien, Paris.
- FABIÃO, C. (1998): O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português, 2-3. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada na Faculdade de Letras de Lisboa em 1998 (policopiado).
- GOUDINEAU, C. (1968): La ceramique aretine lisse: fouilles de l'école française de rome a Bolsena (Poggio Moscini) 1962-1967, Ecole Française de Rome, Sup. 6: IV, Paris.
- LE ROUX, P. (1975): «Aux origines de Braga (Bracara Augusta)», Bracara Augusta, 29, pp. 155-59.
- LEMOS, F. S.; LEITE, J. M. F.; BETTENCOURT, A.; AZEVEDO, M. (2003): «O balneário pré-romano de Braga», Al-Madam, 12, Almada, pp. 43-46.
- LESFARGUES, A.; VERTET, H. (1976): «Les estampilles sur sigillée de l'atelier augustéen de la Muette à Lyon», Figlina, I, Lyon, pp. 39-87.
- MARTINS, M. (1988): «Moldes de sítulas com decoração geométrica», Cadernos de Arqueologia, Série II, 5, Braga, pp. 23-29.
- MARTINS, M. (1990): «O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado», Cadernos de Arqueologia: Monografias, 5, Braga.
- MORAIS, R. (1997-98): «Importações de cerâmicas finas em Bracara Augusta: da fundação até à época flávia», Cadernos de Arqueologia, Série II, 14-15, Braga, pp. 47-97.
- MORAIS, R. (2002a): «A taça romana de prata de Bracara Augusta», Conimbriga, 41, Coimbra, pp. 165-180.
- MORAIS, R. (2002b): «Um molde de lucerna encontrado em Bracara Augusta», Conimbriga, 41, Coimbra, pp. 181-196.
- MORAIS, R. (2005): «Autarcia e comércio em Bracara Augusta. Contributo para o estudo económico da cidade no período alto-imperial», Bracara Augusta. Escavações Arqueológicas, II, Braga.
- MORAIS, R. (2006): «Ânforas tipo urceus de produção Bética e produções regionais e locais do Nw Peninsular», Congresso Internacional CETARIAE 2005. Salsas y Salazones de pescado en occidente durante la Antigüedad, Cádiz, pp. 401-415.
- SÁNCHEZ-PALENCIA, F. J. (2000): Las médulas (León): un paisaje cultural en la «Asturia Augustana», León.
- SANTIAGO MONTERO; SABINO PEREA (1996): «Augusto y el bidental de Bracara (ad. CIL II, 2421)», in J. M. Blázquez e J. Alvar, eds., La Romanización en Occidente, Madrid, pp. 299-319.
- SANTOS, L.; LE ROUX, P.; TRANOY, A. (1983): «Inscrições romanas do museu Pio XII em Braga», Bracara Augusta, 37: 83-84 (96-97), Braga, p. 188, n.º 8; Est. IV, n.º 10.
- SILVA, A. C. F. (1986): A cultura castreja do Noroeste de Portugal, Paços de Ferreira.
- SOUSA, J. J. R. (1973): «Subsídios para a carta arqueológica de Braga», Studia Archaeologica, 23, Santiago de Compostela, pp. 7-28.



- TRANOY, A. (1980): «Religion et société à Bracara Augusta (Braga), au haut-empire romain», Actas do Seminário de Arqueologia do NO Peninsular: III, Revista de Guimarães, Guimarães, pp. 67-83.
- TRANOY, A. 1981: La Galice romaine: recherches sur les NW de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité, Paris.
- ZABALETA ESTÉVEZ, M. M. (2000): «Hallazgos numismáticos de los comienzos de Bracara Augusta», 3.º Congreso de Arqueologia Peninsular («Arqueologia da Antiguidade na Península Ibérica»), VI, Porto, pp. 395-99.